

Eusébio

Como nunca se viu



Índice

1942/60	8
1961	22
1962	54
1963	72
1964	98
1965	118
1966	154
1967	182
1968	192
1969	212
1970	230
1971	244
1972	258
1973	274
de 1974 à eternidade	290

Eusébio

*Havia nele a máxima tensão.
Como um clássico ordenava a própria força
sabia a contenção e era explosão
havia nele o touro e havia a corça.*

*Não era só instinto era ciência
magia e teoria já só prática.
Havia nele a arte e a inteligência
do puro jogo e sua matemática.*

*Buscava o golo mais que golo: só palavra.
Abstracção. Ponto no espaço. Teorema.
Despido do supérfluo rematava
e então não era golo: era poema.*

Manuel Alegre



1942/1960

O prodígio que nasceu num campo com picos
e que a associação de futebol tinha com nome errado



Salazar ainda não expurgara a Constituição de 1933 de expressões como «colónias» ou «império», mas, pela ideia, outra coisa lhe passou: ordenar à Censura que proibisse o hino do Benfica que Félix Bermudes escrevera 17 anos antes por ter título «incómodo»: *Avante, Avante, Benfica!* (claro, o Avante era, clandestino, o jornal do PCP...) Estava-se 1942 – e, às 15.40 horas do dia 25 de janeiro, no Hospital Central Miguel Bombarda, em Lourenço Marques, nasceu Eusébio da Silva Ferreira.

Da maternidade levaram-no para o casebre de madeira e zinco onde a família vivia, por entre acácias e coqueiros, mangueiras e cajueiros, tamareiras e bananeiras, em Mafalala. O pai, Laurindo António da Silva Ferreira, era angolano branco de Malange. Fora para Lourenço Marques trabalhar nos Caminhos de Ferro, jogara futebol no Ferroviário. A mãe, Elisa Anissabeni era negra e ronga.



Eusébio acabara de fazer um mês quando António Roquete, que fora guarda redes do Casa Pia e da seleção saiu, pela calada da noite, com a brigada da PVDE a caminho do Bairro das Colónias, em Lisboa – para prender quem o treinara para se lançar à glória: Cândido de Oliveira. Perante a ameaça de Hitler invadir Portugal, os serviços secretos britânicos montaram a *Rede Shell*. No seu âmbito estavam ações de espionagem – e eventuais ações de guerrilha. Um dos seus agentes, o agente PAX, era Cândido. A Gestapo descobriu, queixou-se a Salazar – e a brigada de Roquete, entrando-lhe de restolhada na casa, levou-o.

Durante 12 horas de interrogatório partiram-lhe os dentes, racharam-lhe os lábios. Atiraram-no para a escuridão de uma cela húmida e sem ar, sem luz e sem janela, obrigaram-no a comer no chão durante dez dias inteiros – «apenas porque quisera defender a Pátria de invasão nazi», reiterou. E, a 20 de junho de 1942, embarcaram-no para o Tarrafal.

Os SOE pensaram raptá-lo do «campo da morte» – através de operação rocambolesca que não concretizou porque Salazar abriu os Açores aos Aliados – e mandou que o trouxessem de volta a Lisboa. Regressou a 31 de dezembro de 1943, escoraçaram-no para Caxias, só seis meses depois é que Cândido de Oliveira foi restituído a «liberdade condicional». O governo apoderou-se de todo o dinheiro que tinha no banco, alegando que era «fruto de espionagem» (e não era) – e exonerou-o de Inspector Geral dos Correios. «Arruinado» e «sem trabalho», esteve para ir para o Brasil, não foi, pôs o futuro a correr no jornal que fundou, *A Bola*.

Tal como ele, Samora Machel cresceu num casebre de madeira e zinco de Mafalala – e quando já era Presidente da República de Moçambique, afirmou: «Durante muitos anos, Portugal foi conhecido em todo o Mundo graças a um preto: Eusébio». Não era totalmente «preto», mas o resto é verdade...

Ainda em 1942, cilada da PVDE matara António Ferreira Soares, o médico que aderindo ao PCP, entrara na clandestinidade como *Dr. Prata*. Na autópsia, descobriram-lhe 14 balas de metralhadora espalhadas pelo corpo. Pela sua brutalidade, o caso chocou até gradas figuras do regime – que, farisaico, o levou a julgamento em Tribunal Militar. Sob o argumento de que não compareceram a juízo as duas testemunhas do «incidente»: a irmã e a criada de Ferreira Soares, absolveram-se os «supostos homicidas». Um deles era António Fernandes Roquete – e, através de portaria do Ministério das Colónias, promoveram-no a chefe da PVDE em Lourenço Marques.

O PRÍNCIPE DO «FUTEBOL DOS SUBÚRBIOS», E A IDEIA DO CAUTELEIRO MANETA

Um dos primeiro alvos de Roquete era um poeta de Mafalala – que no Brado Africano escreveu sobre o «futebol dos subúrbios» como contraste à «ordem» que o salazarismo queria impor em África – e vaticinou: esse «espírito do subúrbio» há de dar «algo de novo» ao futebol europeu, transfigurá-lo, recriá-lo. Eusébio já estava lá, todo ele lá, premonitório, nesse olhar de José Craveirinha:

— Na areia já tinha um drible estonteante, uma fome que só se satisfazia pelo golo, no gozo do golo, no prazer do golo, na paixão do golo, Eusébio era o príncipe do futebol do subúrbio.

Começou-lhe assim, com os pés em fogaréu, o caminho de príncipe para rei:

— O que eu mais gostava era que a minha mãe me mandasse fazer recados. Podia correr – e às vezes jogar. Ou só ver, primeiro. Parava e ficava a olhar os mais velhos, esperando que a bola de trapos saísse para ao pé de onde eu estava, para a chutar. Chutava uma, duas, três vezes - voltava com a mercearia. Uma vez, estavam a preparar um jogo, faltava um, perguntaram-me se queria jogar. Era tudo o que queria – e quando cheguei, tarde, tarde de mais, a casa, ninguém imagina o raspanete que levei. As compras eram para o jantar e o jantar já estava a meio. Castigo? Ficar sem comer.

Aos oito anos, de ataque de tétano, morreu-lhe o pai:

— O sonho dele teria sido, ver-me jogar no Desportivo, o Benfica de lá. Era benfiquista, não perdia um relato. Jogou no Ferroviário, a médio. O pai da Flora, que era amigo dele – tinham jogado à bola juntos –, contou-me maravilhas do meu pai. Uma vez perguntei-lhe se era melhor do que eu, ele respondeu-me que «tinha mais futebol». Insisti: se tinha mais futebol do que eu, é porque era melhor – e ele de imediato me disse: «Não tenhas dúvidas, Eusébio, só não teve a oportunidade certa».

Elisa Anissabeni, a mãe, com as duas meias-irmãs de Eusébio. O finca-pé dela foi a sorte do Benfica. Mas muito antes fez tudo para afastar Eusébio da bola de trapos, ralhou-lhe, puxou-lhe as orelhas. «E, uma vez por outra, dava-me umas sovas que não eram brincadeira, não gostava nada que eu andasse enfronhado no futebol...»



Em Lourenço Marques havia um cauteleiro que não tinha um braço – e que por causa do Matateu se tornara fanático pelo Belenenses. Era o Chico. Sempre que regressava do pregão das cautelas pelo Xilunguine (a baixa da Cidade-Branca) especava-se à sombra de uma acácia, a ver os *mufanas* a jogar.

— Um dia, teve uma ideia: fazermos um clube a sério, ficar ele o presidente. Achou que já não dava a bola de trapos, sugeriu que fizéssemos sociedade para comprar uma de cautchu. Só conseguimos 12 escudos, teve de ser uma de borracha. Também foi do senhor Chico a ideia de o clube se chamar Os Brasileiros e cada um de nós escolher nome de um dos craques da seleção. O Amaral era o Dirceu, o Faquir era o Garrincha, o Carlitos era o Ademir, o Orlando era o Gilmar, o Madala era o Didi – e eu era o Nené, o Nené da Portuguesa. O primeiro jogo, com a bola de borracha, foi contra o Estrada de Angola, ganhámos por 7-1, marquei dois golos.

Para Eusébio, o paraíso já só era uma bola a pinchar pelos chãos de terra vermelha de Mafalala (ou de Mafalala para lá de um horizonte a abrir-se em arco íris):

— Depois de esmagarmos o Estrada de Angola, esmagámos os Fura-Redes, o Chamanculo, o Flamengo, os 11 da Mansão Suíça. E o senhor Chico teve mais uma ideia: jogarmos ao perde-paga. Cada equipa entrava com 10 escudos, quem vencesse ficava com os 20. E foi assim, que os ganhos de Os Brasileiros nunca mais pararam. Até que o senhor Chico nos disse: «Alto lá, rapazes! Agora que já têm 400 escudos é hora de se comprar uma bola de cautchu». E foi. E também deu para se comprar equipamento a sério, azul, como o Belenenses, mas um azul mais bebé, foi o que o senhor Chico conseguiu arranjar num armazém da cidade.

Aos primeiros dias de Lisboa, Eusébio com Vicente e com Matateu. Eram ambos do Belenenses e de Mafalala. Por causa do furor de Matateu, um cauteleiro maneta de Lourenço Marques fez uma equipa de futebol chamada Os Brasileiros FC. Cada um dos seus jogadores tinha de escolher nome de craque do escrete. Eusébio era Nené e os jogos eram a dinheiro...



COMO O PRENDERAM AO SPORTING E O PROBLEMA QUE ISSO FOI NO BAIRRO

Esses desafios de *Os Brasileiros* eram, quase sempre, em Munhuana, no campo da Juventude Operária Católica – por onde também tinham passado Matateu, Coluna, Vicente.

— Era um campo fantástico, pelado. Só na zona central é que não tinha picos. Jogávamos descalços, nunca fugíamos para as alas, era sempre pelo meio, percebe-se porquê, não?!

Por vezes, o árbitro era um padre holandês, o padre Henrique, professor na escola onde Eusébio andava – e, certa tarde, os *mufanas* de *Os Brasileiros* lembraram-se de ir ao Desportivo de Lourenço Marques mostrar-se:

— O treinador olhou e disse que o Amaral, o Carlitos e o Faquir podiam fazer o teste, os outros não. Eu estava no meio dos outros, não podíamos porque éramos mais franzinos, mais baixos, justificou. O Carlitos ainda intercedeu por mim, disse ao treinador que eu era o melhor do bairro, mas o homem não quis acreditar. No final do treino só ficou o Carlitos e regressámos a Mafalala como tínhamos ido: a pé.

O Desportivo, apesar de não se chamar Sport Lourenço Marques e Benfica, era o Benfica da cidade – e levado pela paixão que o pai lhe afogueara, Eusébio ainda voltou ao Campo Santos Silva, a tentar, outra vez, dar pontapé ao fadário. Abeirou-se do roupeiro e murmurou:

— Venho cá para treinar, senhor.

E ele, mirando-o de soslaio, atirou-lhe altivo:

— Vai mas é dar uma volta.

Os amigos de *Os Brasileiros* acharam que talvez o Sporting os quisesse – e apareceram no Campo João da Silva Pereira:

— *Eu disse que só ia com eles para assistir, que no Sporting não queria jogar. Alguém lembrou: «se ficarmos, não voltamos a pé, levam-nos a Mafalala de carro». Aí aceitei, pela malta, para não irmos a pé, só isso. Perguntaram-me se tinha botas de futebol, não respondi, jogava sempre descalço. Perceberam e perguntaram-me o meu número. Foram buscar sapatilhas velhas. Fui para o campo, olhei para os outros, eram grandes, tinham botas, não me assustei. Demos cabo de tudo, levaram uns sete ou oito.*

Nuno Martins, como que caído das nuvens, apontou para Eusébio, assegurou-lhe:

— *Tu ficas, os outros não.*

E Eusébio, muito senhor do seu nariz, deu-lhe em réplica:

— *Desculpe, senhor, ou ficamos todos ou não fica ninguém.*

O treinador para não perder a pérola concordou que ficassem todos – e a trupe não regressou a pé para Mafalala:

— *Fomos numa carrinha Volkswagen do clube. Ao chegarmos, dois senhores queriam falar com a minha mãe. Para lhe pedir autorização para eu jogar no Sporting. Como tinham sido simpáticos em levar-me a casa, disse que sim, que dava. Ainda lhe lembrei em ronga, para eles não entenderem: Se o pai fosse vivo talvez não gostasse, que quem ia jogar era eu, não era ela, que ela não entendia nada de futebol, que, portanto, o melhor era só responder depois do mano Jaime chegar. A minha mãe não me ligou, insistiu que sim, que podia. Fiquei doente, nos primeiros dias não comia, só chorava. Com 15 anos sonhava com uma grande equipa da metrópole, pensei que talvez fosse um primeiro passo, foi o que me consolou.*

Como ainda não tinha a idade mínima para alinhar nos juniores, puseram Eusébio a fazer apenas desafios particulares:

— *No primeiro, contra o Juventude, ganhámos por 3-0. Marquei os três golos. Foi depois desse jogo que me*



prenderam de vez ao Sporting. Levaram-me à sede, puseram-me um papel à frente, disseram-me para assinar. Assinei e só depois vim a saber que era a ficha. Zanguei-me, deixei de ir. Mas como não era capaz de passar sem o futebol, tornei a aparecer. E quando tinha já idade para os juniores, entrei direto para a equipa A. O primeiro jogo calhou contra o Desportivo. Convencido de que não seria capaz de correr, de rematar, disse aos dirigentes do Sporting que não jogaria como eles queriam e que, por isso, era melhor tirarem-me da equipa. Não tiraram. Ganhámos por 3-1, marquei os três golos. No fim, tinha vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

No Sporting de Lourenço Marques. Chegou, foi campeão. De sangue negro, havia apenas mais um: Simões. Na origem, o clube era para brancos apenas, grande parte dos seus elementos eram ou da Polícia ou dos Serviços de Águas. Mudou os estatutos para receber Hilário, sem, contudo, deixar de determinar: «proibição de utilização de negros sem alvará de assimilação». Para ir para lá, assimilado teve de ser Eusébio, claro...

O DINHEIRO DO ARQUIVO, AS GORJETAS DO GIRA-DISCOS

O brilharete valeu-lhe entrevista num jornal de Lourenço Marques. Contou por que não estava no Desportivo – e quem de lá o enxotara foi despedido no dia seguinte. Não era apenas bom de bola – em Mafalala tratavam-no por *Magagaga*:

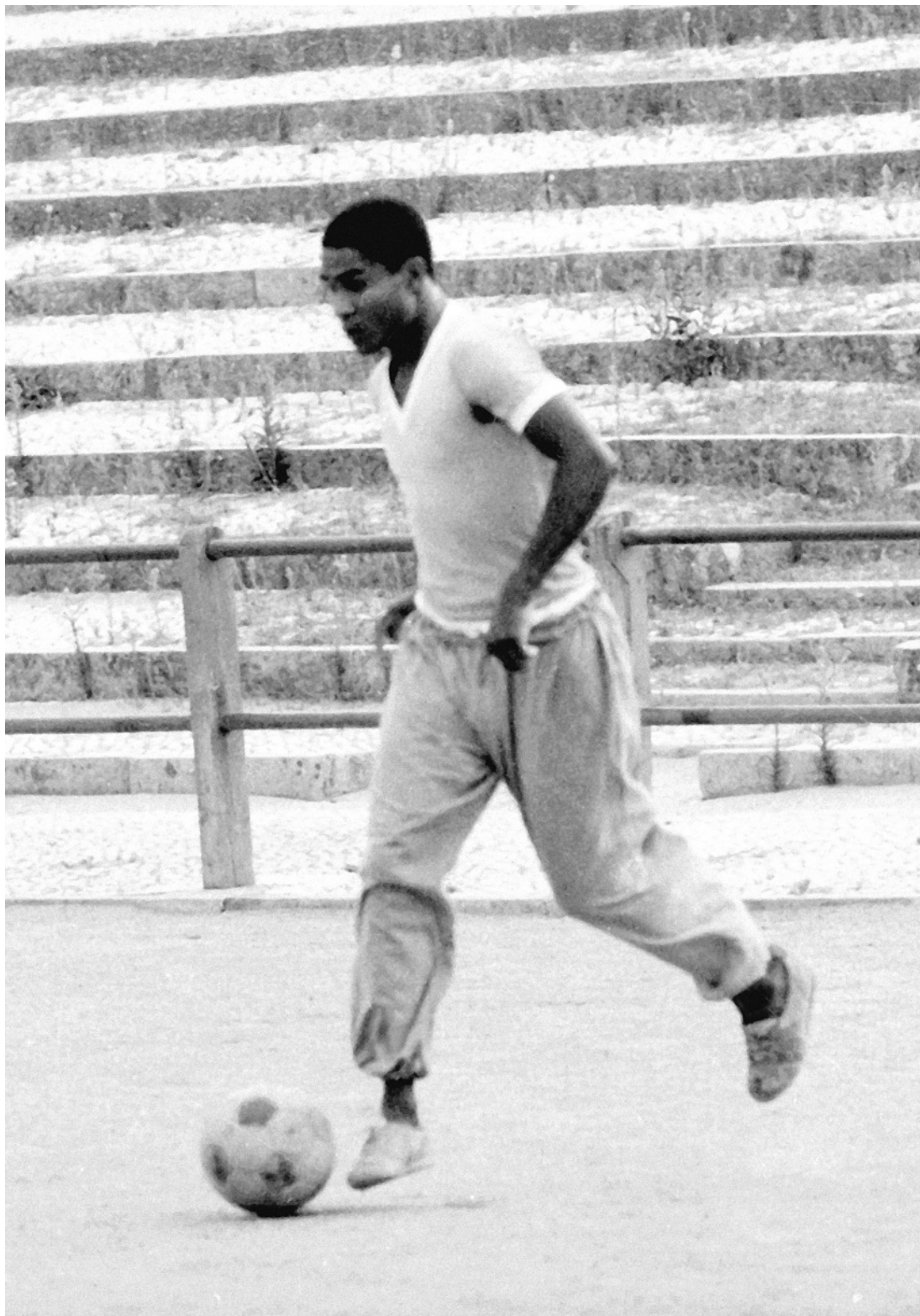
— Que em ronga significa supersónico. O Sporting percebeu e também me inscreveu no atletismo. Nos 100 e 200 metros, ganhei as minhas primeiras medalhas. Mas o que eu queria era bola. Com uma certeza fiquei: o atletismo deu algo de fantástico ao meu futebol: aquela velocidade, aquele arranque.

Em julho de 1959 terminou o exame da terceira classe com 15 valores, recebeu o estatuto de assimilado. O Sporting de Lourenço Marques arranjou-lhe emprego na Volkswagen, a ganhar 1200 escudos por mês. Era para tratar do arquivo, o que pouco fazia, na verdade:

— A fábrica era perto, ia a pé até lá por volta do meio-dia, almoçava com eles. Depois levavam-me ao treino, o senhor Camilo Antunes aparecia no fim com sandes e chocolates, ia pôr-me a casa. Chegar de carro a Mafalala, dava-me cá um prestígio. Não, esse não foi o primeiro dinheiro que ganhei. Foi antes. O meu irmão tinha um gira-discos e fazia animação em casamentos e batizados. Ia com ele, apanhava as gorjetas.

Um dos primeiros treinos no Benfica. Joaquim Chissano, que haveria de suceder a Samora Machel como Presidente da República de Moçambique, tivera como Eusébio um padre como professor e por outros iguais caminhos andara também: «Lá, em Mafalala, jogávamos juntos, com bola de papel ou de meia, descalços, na areia – e era um prazer, o prazer que os pobres tinham e ele, pequenino, já era um prodígio.»

No Registo Biográfico que a Associação de Futebol de Lourenço Marques lhe abriu, Eusébio da Silva Ferreira não era Eusébio da Silva Ferreira, era Eusébio da Silva... Pereira. No verso da cartolina enganada – está o cadastro. Só não está limpo porque em abril de 1960 lhe aplicaram «repreensão registada» por uma «incorreção por meio de gestos». Por baixo, um louvor: pelo «espírito combativo e de disciplina» nos jogos que a seleção de Lourenço Marques disputou nas Maurícias, em outubro. Foi a primeira vez que saiu de Moçambique. A segunda estava próxima – e ninguém imaginava que se transformasse no que se transformou.





1960

O ataque da Juventus aos 15 anos,
e o mito do rapto para o desviar do Sporting

de fábrica

